1**.** (G1 - ifce) Leia os textos abaixo e indique a alternativa que contém, respectivamente, a classificação **correta** quanto à função da linguagem neles predominante.

(Texto I)

“Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos.”

(Carlos Drummond de Andrade)

(Texto II)

“Quando criança, e depois adolescente, fui precoce em muitas coisas. Em sentir um ambiente, por exemplo, em apreender a atmosfera íntima de uma pessoa. Por outro lado, longe de precoce, estava em incrível atraso em relação a outras coisas importantes. Continuo, aliás, atrasada em muitos terrenos. Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais”.

(Clarice Lispector)

(Texto III)



a) Referencial – apelativa – poética.

b) Fática – poética – apelativa.

c) Metalinguística – emotiva – poética.

d) Poética – metalinguística – emotiva.

e) Metalinguística – referencial – emotiva.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**O BOM HUMOR FAZ BEM PARA SAÚDE**

**O bom humor é, antes de tudo, a expressão de que o corpo está bem**

**Por Fábio Peixoto**

“Procure ver o lado bom das coisas ruins.” Essa frase poderia estar 1em qualquer livro de auto-ajuda ou parecer um conselho bobo de um mestre de artes marciais 2saído de algum filme ruim. Mas, segundo os especialistas que estudam o humor a sério, trata-se do maior segredo para viver bem.

(...)

3O bom humor é, antes de tudo, a expressão de que o corpo está bem. Ele depende de fatores físicos e culturais e varia de acordo com a personalidade e a formação de cada um. Mas, mesmo sendo o resultado de uma combinação de ingredientes, pode ser ajudado com uma visão otimista do mundo. “Um indivíduo bem-humorado sofre menos porque produz mais endorfina, um hormônio que relaxa”, diz o clínico geral Antônio Carlos Lopes, da Universidade Federal de São Paulo. Mais do que isso: a endorfina aumenta a tendência de ter bom humor. Ou seja, quanto mais bem-humorado você está, maior o seu bem-estar e, consequentemente, mais bem-humorado você fica. 4Eis aqui um círculo virtuoso, que Lopes prefere chamar de “feedback positivo”. A endorfina também controla a pressão sanguínea, melhora o sono e o desempenho sexual. (Agora você se interessou, né?)

Mas, mesmo que não houvesse tantos benefícios no bom humor, os efeitos do mau humor sobre o corpo já seriam suficientes para justificar uma busca incessante de motivos para ficar feliz. Novamente Lopes explica por quê: “O indivíduo mal-humorado fica angustiado, o que provoca a liberação no corpo de hormônios como a adrenalina. Isso causa palpitação, arritmia cardíaca, mãos frias, dor de cabeça, dificuldades na digestão e irritabilidade”. A vítima acaba maltratando os outros porque não está bem, sente-se culpada e fica com um humor pior ainda. Essa situação pode ser desencadeada por pequenas tragédias cotidianas – como um trabalho inacabado ou uma conta para pagar -, que só são trágicas porque as encaramos desse modo.

Evidentemente, nem sempre dá para achar graça em tudo. Há situações em que a tristeza é inevitável – e é bom que seja assim. “Você precisa de tristeza e de alegria para ter um convívio social adequado”, diz o psiquiatra Teng Chei Tung, do Hospital das Clínicas de São Paulo. 5“A alegria favorece a integração e a tristeza propicia a introspecção e o amadurecimento.” Temos de saber lidar com a flutuação entre esses estágios, que é necessária e faz parte da natureza humana.

O humor pode variar da depressão (o extremo da tristeza) até a mania (o máximo da euforia). Esses dois estados são manifestações de doenças e devem ser tratados com a ajuda de psiquiatras e remédios que regulam a produção de substâncias no cérebro. Uma em cada quatro pessoas tem, durante a vida, pelo menos um caso de depressão que mereceria tratamento psiquiátrico.

6Enquanto as consequências deletérias do mau humor são estudadas há décadas, não faz muito tempo que a comunidade científica passou a pesquisar os efeitos benéficos do bom humor. O interesse no assunto surgiu há vinte anos, quando o editor norte-americano Norman Cousins publicou o livro *Anatomia de uma Doença*, contando um impressionante caso de cura pelo riso. 7Nos anos 60, ele contraiu uma doença degenerativa que ataca a coluna vertebral, chamada espondilite ancilosa, e sua chance de sobreviver era de apenas uma em quinhentas.

Em vez de ficar no hospital esperando para virar estatística, ele resolveu sair e se hospedar num hotel das redondezas, com autorização dos médicos. Sob os atentos olhos de uma enfermeira, com quase todo o corpo paralisado, Cousins reunia os amigos para assistir a programas de “pegadinhas” e seriados cômicos na TV. Gradualmente foi se recuperando até poder voltar a viver e a trabalhar normalmente. Cousins morreu em 1990, aos 75 anos. Se Cousins saiu do hospital em busca do humor, hoje há muitos profissionais de saúde que defendem a entrada das risadas no dia a dia dos pacientes internados.

Uma boa gargalhada é um método ótimo de relaxamento muscular. Isso ocorre porque os músculos não envolvidos no riso tendem a se soltar – está aí a explicação para quando as pernas ficam bambas de tanto rir ou para quando a bexiga se esvazia inadvertidamente depois daquela piada genial. Quando a risada acaba, o que surge é uma calmaria geral. Além disso, se é certo que a tristeza abala o sistema imunológico, sabe-se também que a endorfina, liberada durante o riso, melhora a circulação e a eficácia das defesas do organismo. A alegria também aumenta a capacidade de resistir à dor, graças também à endorfina.

Evidências como essa fundamentam o trabalho dos Doutores da Alegria, que já visitaram 170.000 crianças em hospitais. As invasões de quartos e UTIs feitas por 25 atores vestidos de “palhaços-médicos” não apenas aceleram a recuperação das crianças, mas motivam os médicos e os pais. A psicóloga Morgana Masetti acompanha os Doutores há sete anos. “É evidente que o trabalho diminui a medicação para os pacientes”, diz ela.

O princípio que torna os Doutores da Alegria engraçados tem a ver com a flexibilidade de pensamento defendida pelos especialistas em humor – aquela ideia de ver as coisas pelo lado bom. “O *clown* não segue a lógica à qual estamos acostumados”, diz Morgana. “Ele pode passar por um balcão de enfermagem e pedir uma pizza ou multar as macas por excesso de velocidade.” Para se tornar um membro dos Doutores da Alegria, o ator passa 8num curioso teste de autoconhecimento: reconhece o que há de ridículo em si mesmo e ri disso. “Um *clown* não tem medo de errar – pelo contrário, ele se diverte com isso”, diz Morgana. Nem é preciso mencionar quanto mais de saúde haveria no mundo se todos aprendêssemos a fazer o mesmo.

*(super.abril.com.br/saúde/bom-humor-faz-bem-saude-441550.shtml - acesso em 11 de abril de 2015, às 11h.)*

2**.** (G1 - epcar (Cpcar)) Assinale a alternativa que associa corretamente o trecho do texto à função da linguagem em predominância.

a) “Procure ver o lado bom das coisas ruins.” – (**Função Emotiva**)

b) “Um indivíduo bem-humorado sofre menos porque produz mais endorfina...” – (**Função Conativa**)

c) “Agora você se interessou, né?” – (**Função Fática**)

d) “Nos anos 60, ele contraiu uma doença degenerativa que ataca a coluna vertebral ...” – (**Função Expressiva**)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o texto para responder à(s) questão(ões):

**Tintim**

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz.

Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular.

"Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto.

O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

3**.** (G1 - ifsp) Levando em consideração o texto “Tintim”, de Luis Fernando Veríssimo, e o conceito de funções da linguagem, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

( ) “Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo?”. A função da linguagem predominante no trecho é a emotiva.

( ) “Originalmente, portanto, ‘tintim por tintim’ indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda”. A função da linguagem predominante no trecho é a referencial.

( ) “Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.” A função da linguagem predominante no trecho é a expressiva.

( ) “Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz”. A função da linguagem predominante no trecho é a fática.

a) F, V, V, V.

b) V, V, F, F.

c) F, V, F, F.

d) V, V, F, V.

e) V, F, F, V.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

***De como o narrador, com certa experiência anterior e agradável, dispõe-se a retirar a verdade do fundo do poço***

Minha intenção, minha única intenção, acreditem! é apenas restabelecer a verdade. A verdade completa, de tal maneira que nenhuma dúvida persista em torno do comandante Vasco Moscoso de Aragão e de suas extraordinárias aventuras.

3“A verdade está no fundo de um poço”, li certa vez, não me lembro mais se num livro ou num artigo de jornal. Em todo caso, em letra de forma, e como duvidar de afirmação impressa? Eu, pelo menos, não costumo discutir, muito menos negar, a literatura e o jornalismo. E, como se isso não bastasse, 7várias pessoas gradas repetiram-me a frase, não deixando sequer margem para um erro de revisão a retirar a verdade do poço, a situá-la em melhor abrigo: paço (“a verdade está no paço real”) ou colo (“a verdade se esconde no colo das mulheres belas”), polo (“a verdade fugiu para o Polo Norte”) ou povo (“a verdade está com o povo”). Frases, todas elas, parece-me, menos grosseiras, mais elegantes, sem deixar essa obscura sensação de abandono e frio inerente à palavra “poço”.

O meritíssimo dr. Siqueira, juiz aposentado, respeitável e probo cidadão, de lustrosa e erudita careca, explicou-me tratar-se de um lugar-comum, ou seja, coisa tão clara e sabida a ponto de transformar-se num provérbio, num dito de todo mundo. 19Com sua voz grave, de inapelável sentença, acrescentou curioso detalhe: 4não só a verdade está no fundo de um poço, mas lá se encontra inteiramente nua, 8sem nenhum véu a cobrir-lhe o corpo, sequer as partes vergonhosas. No fundo do poço e nua.

2O dr. Alberto Siqueira é o cimo, o ponto culminante da cultura nesse subúrbio de Periperi onde habitamos. 11É ele quem pronuncia o discurso do Dois de Julho na pequena praça e o de Sete de Setembro no grupo escolar, sem falar noutras datas menores e em brindes de aniversário e batizado. 14Ao juiz devo muito do pouco que sei, a essas conversas noturnas no passeio de sua casa; devo-lhe respeito e gratidão. Quando ele, com a voz solene e o gesto preciso, esclarece-me uma dúvida, 10naquele momento tudo parece-me claro e fácil, nenhuma objeção me assalta. Depois que o deixo, porém, e ponho-me a pensar no assunto, vão-se a facilidade e a evidência, como, por exemplo, nesse caso da verdade. 20Volta tudo a ser obscuro e difícil, busco recordar as explicações do meritíssimo e não consigo. Uma trapalhada. Mas, como duvidar da palavra de homem de tanto saber, as estantes entulhadas de livros, códigos e tratados? No entanto, por mais que ele me explique tratar-se apenas de um provérbio popular, muitas vezes encontro-me a pensar nesse poço, certamente profundo e escuro, onde foi a verdade esconder sua nudez, deixando-nos na maior das confusões, a discutir a propósito de um tudo ou de um nada, causando-nos a ruína, o desespero e a guerra.

6Poço não é poço, fundo de um poço não é o fundo de um poço, na voz do provérbio isso significa que a verdade é difícil de revelar-se, sua nudez não se exibe na praça pública ao alcance de qualquer mortal. Mas é o nosso dever, de todos nós, procurar a verdade de cada fato, mergulhar na escuridão do poço até encontrar sua luz divina.

“Luz divina” é do juiz, como aliás todo o parágrafo anterior. 18Ele é tão culto que fala em tom de discurso, gastando palavras bonitas, mesmo nas conversas familiares com sua digníssima esposa, dona Ernestina. 15“A verdade é o farol que ilumina minha vida”, costuma repetir-se o meritíssimo, de dedo em riste, quando, à noite, 1sob um céu de incontáveis estrelas e pouca luz elétrica, conversamos sobre as novidades do mundo e de nosso subúrbio. Dona Ernestina, gordíssima, lustrosa de suor e um tanto quanto débil mental, concorda balançando a cabeça de elefante. 5Um farol de luz poderosa, iluminando longe, eis a verdade do nobre juiz de direito aposentado.

21Talvez por isso mesmo sua luz não penetre nos escaninhos mais próximos, nas ruas de canto, no escondido beco das Três Borboletas onde se abriga, na discreta meia-sombra de uma casinha entre árvores, 16a formosa e risonha mulata Dondoca, cujos pais procuraram o meritíssimo quando Zé Canjiquinha desapareceu da circulação, viajando para o sul.

Passara Dondoca nos peitos, na frase pitoresca do velho Pedro Torresmo, pai aflito, e largara a menina ali, sem honra e sem dinheiro:

– 22No miserê, doutor juiz, no miserê...

O juiz deitou discurso moral, coisa digna de ouvir-se, prometeu providências. E, à vista do tocante quadro da vítima a sorrir entre lágrimas, afrouxou um dinheirinho, pois, sob o peito duro da camisa engomada do magistrado, pulsa, por mais difícil que seja acreditar-se, pulsa um bondoso coração. Prometeu expedir ordem de busca e apreensão do “sórdido dom-juan”, esquecendo-se, no entusiasmo pela causa da virtude ofendida, de sua condição de aposentado, sem promotor nem delegado às ordens. Interessaria no caso, igualmente, seus amigos da cidade. O “conquistador barato” teria a paga merecida...

E foi ele próprio, tão cônscio é o dr. Siqueira de suas responsabilidades de juiz (embora aposentado), dar notícias das providências à família ofendida e pobre, na moradia distante. Dormia Pedro Torresmo, curando a cachaça da véspera; 12labutava no quintal, lavando roupa, a magra Eufrásia, mãe da vítima, e a própria cuidava do fogão. 13Desabrochou um sorriso nos lábios carnudos de Dondoca, tímido mas expressivo, o juiz fitou-a austero, tomou-lhe da mão:

– Venho pra repreendê-la...

– Eu não queria. Foi ele... – choramingou a formosa.

– Muito malfeito – segurava-lhe o braço de carne rija.

Desfez-se ela em lágrimas arrependidas e o juiz, para melhor repreendê-la e aconselhá-la, sentou-a no colo, acariciou-lhe as faces, beliscou-lhe os braços. Admirável quadro: a severidade implacável do magistrado temperada pela bondade compreensiva do homem. Escondeu Dondoca o rosto envergonhado no ombro confortador, seus lábios faziam cócegas inocentes no pescoço ilustre.

Zé Canjiquinha nunca foi encontrado, em compensação Dondoca ficou, desde aquela bem-sucedida visita sob a proteção da justiça, anda hoje nos trinques, ganhou a casinha no beco das Três Borboletas, Pedro Torresmo deixou definitivamente de trabalhar. Eis aí uma verdade que o farol do juiz não ilumina, 9foi-me necessário mergulhar no poço para buscá-la. Aliás, para tudo contar, a inteira verdade, devo acrescentar ter sido agradável, deleitoso mergulho, pois 17no fundo desse poço estava o colchão de lã de barriguda do leito de Dondoca onde ela me conta – depois que abandono, por volta das dez da noite, a prosa erudita do meritíssimo e de sua volumosa consorte – divertidas intimidades do preclaro magistrado, infelizmente impróprias para letra de fôrma.

AMADO, Jorge. *Os velhos marinheiros: duas histórias do cais da Bahia*.23.ed. São Paulo: Martins, s.d., p.p. 71-73

4**.** (G1 - ifce) No fragmento: **“Poço não é poço, fundo de um poço não é o fundo de um poço, na voz do provérbio isso significa que a verdade é difícil de revelar-se, sua nudez não se exibe na praça pública ao alcance de qualquer mortal.”** – ref. 6 – prevalece a seguinte função da linguagem:

a) conativa ou apelativa.

b) expressiva ou emotiva.

c) fática.

d) referencial ou informativa.

e) metalinguística.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Fofoca: uma obra sem autor**

O próprio som da palavra fofoca dá a ela um certo ar de frivolidade. Fofoca, mexerico, coisa sem importância. Difamação é crime, 1mas fofoca é só uma brincadeira. O que seria da vida sem um bom diz que me diz que, não?

Não. Dispenso fofocas e fofoqueiros. 2Quando alguém se aproxima de mim, segura no meu braço e olha para o lado antes de começar a falar, já sei que 3vem aí uma lama que não me diz respeito. Se não tiver como fugir, deixo que a indiscrição entre por um ouvido e saia pelo outro, dando assim o pior castigo para o meu interlocutor: não passarei adiante nem uma palavra.

Não recuso uma olhada na revista Caras, especialista em entregar 4quem dormiu com quem, quem traiu quem, quem faliu, quem casou, quem separou. É a única publicação do gênero que passa alguma credibilidade, 5porque sei que os envolvidos foram escutados, deram declarações por vontade própria, deixaram-se fotografar. São fofocas profissionais, consentidas e quase sempre assinadas. Fofoca anônima é que é golpe baixo.

A fofoca nasce na boca de quem? Ninguém sabe. Ouviu-se falar. É uma afirmação sem fonte, uma suspeita sem indício, uma leviandade órfã de pai e mãe. Quem fabrica uma fofoca quer ter a sensação de poder. Poder o quê? Poder divulgar algo seu, ver seu “trabalho” passado adiante, provocando reações, mobilizando pessoas. Quem dera o criador da fofoca pudesse contribuir para a sociedade com um quadro, um projeto de arquitetura, um 6plano educacional, mas sem talento para tanto, ele gera boatos.

Quem faz intrigas sobre a vida alheia quer ter algo de sua autoria, uma obra que se alastre e cresça, que se torne pública e que seja muito comentada. Algo que lhe dê continuidade. É por isso que fofocar é uma tentação. Porque nos dá, por poucos minutos, a sensação de ser portador de uma informação valiosa que está sendo gentilmente dividida com os outros. Na verdade, está-se exercitando uma pequena maldade, não prevista no Código Penal. Fofocas podem provocar lesões emocionais. 7Por mais inocente ou absurda, sempre deixa um rastro de desconfiança. Onde há fumaça há fogo, acreditam todos, o que transforma toda fofoca numa verdade em potencial. Não há fofoca que compense. Se for mesmo verdade, é uma bala perdida. Se for mentira, é um tiro pelas costas.

MEDEIROS, Martha. *Almas gêmeas*, 20 set. 1999.

Disponível em: <http://almas.terra.com.br/martha/martha\_2D\_09.htm/>. Acesso em: 7 dez. 2005.

5**.** (G1 - ifce) A função da linguagem predominante no texto é a

a) referencial.

b) metalinguística.

c) apelativa.

d) poética.

e) expressiva.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**O desgaste das palavras**

Sou um tonto. Dia destes recebi um recado na secretária eletrônica pedindo retorno urgente. Liguei.

Era um corretor de imóveis querendo me vender um lançamento.

− Qual era a urgência? − perguntei, irritado.

− Bem... Estamos selecionando alguns clientes e...

Conversa mole. As pessoas usam a palavra “urgente” em mensagens de todo tipo. Ainda sou daqueles que se assustam de leve com um e-mail “urgente” para, logo depois, descobrir que se trata de um assunto muito corriqueiro. A palavra está perdendo a força. Daqui a pouco não vai significar mais nada.

A mesma coisa acontece com o verbo “revelar”. Abro uma revista e vejo: atriz “revela” que vai pintar o cabelo de loiro. Isso é revelação que se preze? Resultado: quando se quer realmente revelar algo se usa “denuncia” ou “confessa”.

E vip? A sigla surgiu como abreviação de “very important people”. Os vips tinham acesso preferencial a festas e eventos de todo tipo. Obviamente, todo mundo quis ser tratado como vip. Alguns shows e camarotes carnavalescos ficam lotados por manadas de vips. Para diferenciar “vips” entre si, nos lugares mais disputados surgiram chiqueirinhos para os “supervips” ou “vips dos vips”. Em resumo: “vip” não significa absolutamente coisa nenhuma − somente que a pessoa é rápida para descolar um convite com pulseirinha.

Os anúncios imobiliários são pródigos em detonar palavras. “Exclusivo” é um exemplo. Quase todos falam em “condomínio exclusivo”, “espaço exclusivo” (e não havia de ser, se o proprietário está pagando?). De tão comum, “exclusivo” deixou de ser “exclusivo”. Veio o “diferenciado”. Ou “único”. Mas como um apartamento pode ser “diferenciado” ou “único” se está em um prédio com mais cinquenta iguais?

A palavra “amigo” é incrível. Implica uma relação especial, mas a maioria fala em “amigos” referindo-se a conhecidos distantes. O mesmo ocorre com “abraço”. Terminar a mensagem com um “abraço” era suficiente, pois era uma forma de oferecer nosso carinho à pessoa. Foi tão banalizado que agora se usa “grande abraço”, “forte abraço”, mas agora é pouco, pois já surgiu o “beijo no coração”. A seguir, o que virá?

Por que deixar que as palavras se desgastem? Se o que têm de mais belo é justamente sua história e o sentimento que contêm? Enfim, tudo o que lhes dá realmente significado.

(Walcyr Carrasco, *Veja SP*, 13.08.2008. Adaptado)

6**.** (G1 - ifsp) Considere a tirinha.



Considerando a tirinha e o texto “O desgaste das palavras”, pode-se concluir que, em ambos os textos, está presente a função da linguagem denominada

a) fática, pois vários termos, embora desprovidos de significado, permitem o início do processo comunicativo.

b) metalinguística, pois se reflete sobre o valor das palavras, isto é, sobre o uso da língua e sua função social.

c) apelativa, pois está ausente a intenção de atingir o receptor com o intuito de modificar o seu comportamento.

d) emotiva, pois o eu lírico pode expressar livremente as emoções com as quais está em conflito.

e) poética, pois o importante é passar as informações de forma clara e objetiva, desprezando-se a preocupação com a elaboração da linguagem.

7**.** (Enem) A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

DUARTE, M. *O guia dos curiosos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Predomina no texto a função da linguagem

a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia.

b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação.

c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem,

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor.

e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

8**.** (G1 - cftmg) PREVENÇÃO CONTRA ASSALTOS

"Como os assaltos crescem dia, não podendo contê-los, a PM, sabiamente, dá conselhos aos cidadãos para serem menos assaltados:

I - Não demonstre que carrega dinheiro.

II - Jamais deixe objetos à vista, dentro do carro.

III - Levante todos os vidros, mesmo em movimento.

IV - Não deixe documentos no veículo.

(...)"

(FERNANDES, Millôr. Prevenção contra assaltos. In: TERRA, Ernani & NICOLA, José. "Curso prático de língua, literatura e redação." São Paulo: Scipione, 1997. v. 1, p. 36 )

Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é

a) fática.

b) emotiva.

c) conativa.

d) referencial.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A QUESTÃO É COMEÇAR

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo numa livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o "bom dia", "o boa tarde, como vai?" já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever e na lamentável forma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar; uma outra forma de conversar.

Assim fomos "alfabetizados", em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. “Pare aí", me diz você. "O escrevente escreve antes, o leitor lê depois." "Não", lhe respondo, "Não consigo escrever sem pensar em você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho."

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

(MARQUES, M. O. *Escrever é Preciso*, Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1997, p. 13).

9**.** (Pucsp) Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: "Em nossa civilização apressada, o 'bom dia', o 'boa tarde, como vai?' já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol." Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é "quebrar o gelo". Indique a alternativa que explicita essa função.

a) Função emotiva

b) Função referencial

c) Função fática

d) Função conativa

e) Função poética

10**.** (Ita) Assinale a opção que apresenta a função da linguagem predominante nos fragmentos a seguir:

( I )

Maria Rosa quase que aceitava, de uma vez, para resolver a situação, tal o embaraço em que se achavam. Estiveram um momento calados.

- Gosta de versos?

- Gosto...

- Ah...

Pousou os olhos numa oleografia.

- É brinde de farmácia?

- É.

- Bonita...

- Acha?

- Acho... Boa reprodução...

(Orígenes Lessa. O FEIJÃO E O SONHO)

( II )

Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública.

E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: - Pois é.

Ela: - Pois é o quê?

Ele: - Eu só disse "pois é"!

Ela: - Mas "pois é" o quê?

Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: - Entender o quê?

Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já.

(Clarice Lispector. A HORA DA ESTRELA)

a) Poética.

b) Fática.

c) Referencial.

d) Emotiva.

e) Conativa.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Os estatutos do homem (Ato Institucional Permanente)

A Carlos Heitor Cony

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.

Agora vale a vida,

E de mãos dadas,

Marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,

Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,

Têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

/.../

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor

Sempre foi e será sempre

não poder dar-se amor a quem se ama

/.../

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:

Amar sem amor.

(MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem*. São Paulo: Vergara & Riba, 2001.)

11**.** (G1 - epcar (Cpcar) 2021) Assinale a alternativa **INCORRETA** referente ao texto.

a) As expressões “terças-feiras cinzentas” e “manhãs de domingo” não têm sentido próprio, por isso podem se converter uma em outra, conforme sugerido nos versos do poema.

b) A repetição do termo “agora”, no Artigo I do poema, realça a importância do decreto a partir daquele momento. Pressupõe-se um tempo anterior em que a verdade não valia e as pessoas andavam desunidas.

c) Não se evidencia uma preocupação rigorosa com a métrica, como se pode observar pela presença de versos longos e curtos.

d) Neste poema, aborda-se o tema da esperança, da união das pessoas, da necessidade de se marchar de “mãos dadas”.

12**.** (G1 - epcar (Cpcar) 2021) *Cajueirinho pequenino,*

*Carregadinho de flor,*

*Como queres que te ame,*

*Se não és o meu amor.*

(Cantiga de domínio popular)

Assinale a alternativa cujo trecho do texto *Os estatutos do homem* melhor se ajusta à mensagem da cantiga acima.

a) Só uma coisa fica proibida: Amar sem amor.

b) Agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

c) Inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

d) Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama.

13**.** (G1 - cotuca 2020) Leia, a seguir, fragmentos do Manifesto da Antropofagia periférica, escrito pelo poeta Sérgio Vaz, e responda.

**Manifesto da Antropofagia periférica**

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. (...)

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.

[...]

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. (...)

[...]

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural. Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

[...]

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

[...]

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!

Disponível em http://colecionadordepedras/.blogspot.com/2010/08manifesto-da-antropofagia-periferica.html?m=1. Acesso em 18/07/2019.

Ao se publicar um Manifesto, busca-se formal e publicamente a transmissão de opiniões, decisões, intenções e ideias. Nos trechos transcritos do Manifesto da Antropofagia periférica, é possível identificar o que se afirma em:

a) Defesa da arte clássica como padrão artístico brasileiro.

b) Defesa da liberdade de expressão dos autores brasileiros.

c) Defesa de uma arte que cultue e promova os símbolos nacionais do Brasil.

d) Defesa de uma arte que tenha compromisso apenas com temas de denúncia social.

e) Defesa de uma arte genuinamente popular.

14**.** (G1 - cftmg 2020) **Para Tess**

Lá fora no estreito o mar ondula branquejando,

como dizem por aqui. Está bravo, e eu feliz

de não estar lá. De ter pescado hoje

na enseada, jogando minha melhor isca pra trás

e pra frente. Não peguei nada. Nenhuma fisgada

sequer, nem uma. Mas foi bom. Foi ótimo!

Eu levava o canivete de seu pai e fui seguido

algum tempo por um cachorro chamado Dixie.

Certas horas me sentia tão feliz que precisava parar

a pesca. Então deitei na beira de olhos fechados,

ouvindo o som que a água fazia,

e o vento no topo das árvores. O mesmo vento

que sopra no estreito, mas diferente, também.

Por um tempo até me deixei imaginar estando morto –

e isso não foi ruim, pelo menos num par

de minutos, até realmente afundar na ideia: Morto.

Enquanto eu deitava ali de olhos fechados,

logo após ter imaginado como poderia ser

se de fato eu não me levantasse mais, pensei em você.

Abri meus olhos então e levantei depressa

e voltei para a minha felicidade outra vez.

Sou grato a você, percebe? E queria te dizer.

CARVER, R. apud LACERDA, Rodrigo. *O Fazedor de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 92-93.

Citado pelo narrador como um de seus textos preferidos, o poema de Raymond Carver caracteriza-se pelo modo como o poeta

a) confere emotividade a elementos do cotidiano.

b) opõe a felicidade individual à contemplação da natureza.

c) manifesta sentimentos de angústia diante da morte iminente.

d) associa o sofrimento amoroso às incertezas quanto ao futuro.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**Ladainha II**

Por que o raciocínio,

os músculos, os ossos?

A automação, ócio dourado.

O cérebro eletrônico, o músculo

mecânico

mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?

O de metal não tornará o homem

mais cordial,

dando-lhe um ritmo extra-corporal?

Por que levantar o braço

para colher o fruto?

A máquina o fará por nós.

Por que labutar no campo, na cidade?

A máquina o fará por nós.

Por que pensar, imaginar?

A máquina o fará por nós.

Por que fazer um poema?

A máquina o fará por nós.

Por que subir a escada de Jacó?

A máquina o fará por nós.

Ó máquina, orai por nós.

(RICARDO, Cassiano. *Jeremias sem-chorar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.)

15**.** (G1 - epcar (Cpcar) 2020) A máquina substitui vários trabalhos feitos pelo homem. Mesmo o ofício do artista da palavra pode ser substituído por algum aparelho. Assinale a alternativa em cujo trecho se verifica essa queixa.

a) “Por que o coração? / O de metal não tornará o homem / mais cordial?”

b) “Por que labutar no campo, na cidade? / A máquina o fará por nós.”

c) “Por que fazer um poema? / A máquina o fará por nós.”

d) “Por que subir a escada de Jacó? / A máquina o fará por nós.”

16**.** (G1 - epcar (Cpcar) 2020) Analise as afirmativas feitas em relação à composição e interpretação do texto.

I. O texto pode ser dividido em duas partes: a primeira representa dúvidas do homem moderno em relação a si mesmo. A segunda, a sua impotência para respondê-las, que o leva a um comportamento subalterno marcado pela ladainha em louvor à máquina.

II. A máquina é criticamente equiparada a um deus, já que é capaz de fazer tudo para e pelo homem, e, dessa forma, é reverenciada através de uma oração, como se fosse uma divindade.

III. O texto é marcado por uma contraposição entre homem e máquina, tendo esta a supremacia sobre aquele, tanto que o faz desprezar-se a si mesmo e a orar para ela.

IV. A terceira estrofe do poema é construída por meio de uma gradação que representa as atividades humanas substituídas pela máquina, desde as mais simples até as mais apuradas.

Estão corretas as afirmativas

a) I, II, III e IV.

b) II e IV apenas.

c) I, II e III apenas.

d) III e IV apenas.